

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire



Foto Arquivos Instituto Paulo Freire

Paulo Freire,

Augusto Boal

Centro do Teatro do Oprimido

Na Babilônia, muitos séculos antes de Jesus Cristo, um homem observou uma maçã caída de uma macieira que rolava por um declive na ribanceira, e viu o que todos apenas olhavam: a maçã rodava tocando o solo pela circunferência. Só uma parte da sua superfície tocava o chão. O homem se deu conta daquilo que ninguém antes percebera: para rodar, a maçã não necessitava ser esférica – bastava ser circular. E inventou a roda.

As rodas que vemos rodando pelo mundo, pelos trilhos, pelas velozes pistas, pelos mercados, em casa, na rua, foram inventadas por um gênio: um homem que viu o que todos apenas olhavam.

Uma outra maçã, séculos mais tarde, caiu na cabeça de Newton. Qualquer um de nós teria dado um grito, feito uma imprecacão, dito um impropério, amaldiçoado o reino vegetal. Newton, ao contrário, viu o óbvio: “A matéria atrai a matéria na razão direta das massas e inversa do quadrado das distâncias”. É lógico, límpido e cristalino. Porque, se assim não fosse, a maçã não teria jamais caído na cabeça de Newton: seriam a Terra e Newton que teriam caído na maçã. Isso, hoje, é fácil de entender. Mas foi preciso um gênio para ver o que todos apenas olhavam.

Arquimedes, tomando banho de banheira, percebeu que sua perna tendia a flutuar. Coisa estranha! E num lampejo – “Eureka!” – descobriu o óbvio: “Um corpo sólido mergulhado em um líquido recebe um empuxo de baixo para cima igual ao peso do volume líquido deslocado”. Nada mais elementar. Só que, antes, ninguém tinha traduzido, em teoria, a prática das pernas flutuantes. Todos os usuários de todas as banheiras, piscinas, lagoas, viam pernas flutuando, achavam muito natural, mas só Arquimedes deduziu a lei que regia tais fenômenos.

Assim são os gênios: descobrem ou inventam o óbvio que ninguém vê. Assim aconteceu com Paulo Freire: descobriu que o “vovô absolutamente não viu o ovo”, nem a “vovó viu a ave coisa nenhuma”, mas, ao contrário

**Paulo Freire descobriu
que o “vovô absolutamente não viu o ovo”,
nem a “vovó viu a ave coisa nenhuma”,
mas, ao contrário – com certeza certa! –,
o pedreiro viu a pedra; a cozinheira, o feijão;
o lavrador, a enxada, a soja e o trigo.**

meu último pai

– com certeza certa! –, o pedreiro viu a pedra; a cozinheira, o feijão; o lavrador, a enxada, a soja e o trigo. E o operário e o camponês não viam o salário, as férias, o direito à escolaridade dos filhos, à saúde. O trabalhador não via a hora de descansar. O faminto, a hora de comer. O povo, a hora da redenção.

O ato de aprender a ler é aprender a pensar, e pensar é uma forma de ação. Assim, apesar de vovôs e vovós das antigas cartilhas serem dignos de todo respeito, apesar de aves e ovos serem dignos de todo cuidado, o camponês precisa saber como se escreve o nome da foice com que lavra a terra, o pedreiro, o nome do tijolo com que constrói a casa, a cozinheira, os nomes com que condimenta o feijão e a farinha.

E, assim, desenhando em letras e palavras a dor que o pobre sentia na carne – mas sem esquecer os desenhos do sonho e da esperança! –, Paulo Freire inventou um Método, o seu, o nosso, o Método que ensina ao analfabeto que ele é perfeitamente alfabetizado nas linguagens da vida, do trabalho, do sofrimento, da luta, e só lhe falta aprender a traduzir em traços, no papel, aquilo que já sabe, no seu cotidiano. Maiêutico, socrático, Paulo Freire ajuda o cidadão a descobrir, por si, o que traz dentro de si.

E, neste processo, aprendem o professor e o aluno: “A um camponês ensinei como se escreve a palavra arado; e ele me ensinou como usá-lo!”, disse um professor rural. Só é possível ensinar alguma coisa a alguém que, a nós, alguma coisa ensina. O ensino é um processo transitivo – diz o nosso Mestre –, um diálogo, como deviam ser diálogos todas as relações humanas: homens e mulheres, negros e brancos, classes e classes, países e países. Mas sabemos que esses diálogos – se não forem carinhosamente cuidados ou energicamente exigidos – bem cedo se transformam em monólogos, nos quais

apenas um dos “interlocutores” tem direito à palavra: um sexo, uma classe, uma raça, um conjunto de países. E os outros são reduzidos ao silêncio, à obediência: são os oprimidos. E esse é o conceito paulofreireano de opressão: o diálogo que se transforma em monólogo.

O Rei Afonso VI da Espanha teria dito certa vez: “Se Deus tivesse pedido a minha opinião, antes de criar o mundo, eu teria aconselhado alguma coisa bem mais simples”. Paulo Freire, de certa forma, descomplicou o ensino. Embora Deus nada lhe tenha perguntado – isto, ao que consta oficialmente, mas no íntimo estou convencido de que perguntou, sim! –, ele criou alguma coisa mais simples, mais humana do que as complicadas formas autoritárias de ensino que obstaculizavam o aprendizado.

Com Paulo Freire aprendemos a aprender.

No seu Método, além de se aprender a ler e a escrever, aprende-se mais: aprende-se a conhecer e a respeitar a alteridade, o outro, o diferente. Meu semelhante a mim se assemelha, mas não sou eu; a mim se assemelha: com ele me pareço. Dialogando aprendemos, ganhamos os dois, o professor e o aluno, pois que alunos somos todos, e professores. Existo porque existem. Para que se escreva em uma página branca é necessário um lápis negro; para que se escreva num quadro negro é necessário que o giz tenha outra cor. Para que eu seja, é preciso que sejam. Para que eu exista é preciso que Paulo Freire exista.

Paulo Freire morreu. Mas existirá sempre, como meus outros pais, todos agora falecidos. Como José Augusto, que me ensinou a viver e a trabalhar, e a viver trabalhando; como John Gassner, que me ensinou dramaturgia; como Nelson Rodrigues, que me deu a mão no teatro.

Com Paulo Freire, morreu meu último pai. Agora só tenho irmãos e irmãs.